

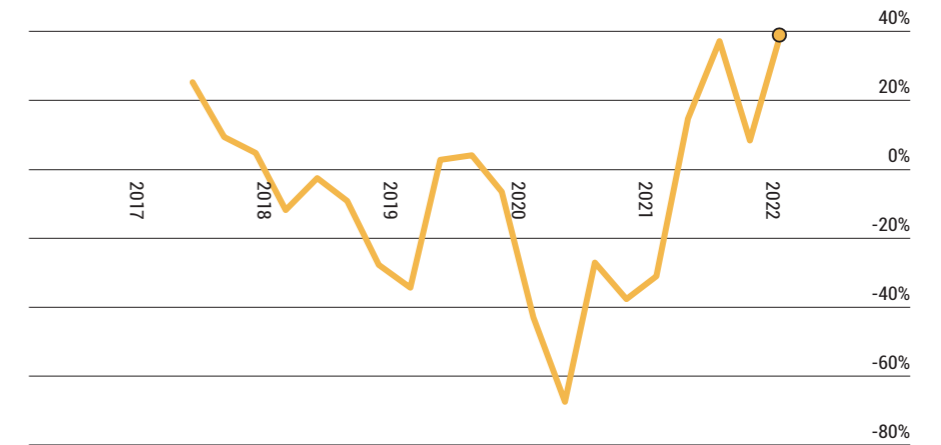
# análise trimestral de conjuntura à indústria de calçado



1<sup>o</sup>  
trimestre  
2022

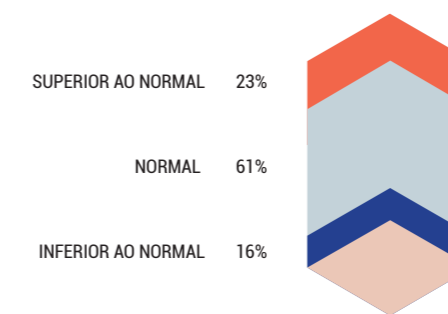
# produção

A previsão do aumento de produção formulada no final do ano passado foi amplamente superada no primeiro trimestre de 2022: a maioria das empresas da indústria portuguesa de calçado consideram que o seu nível de produção aumentou (52%) e mais de um terço que se manteve estável. O saldo de respostas extremas (s.r.e.) atingiu um novo máximo histórico positivo de 40 pontos percentuais (p.p.). O bom desempenho foi comum a todas as empresas independentemente da dimensão e orientação de mercado.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

# utilização da capacidade



Para a grande maioria das empresas (61%), a utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano. Entre as restantes, as respostas positivas superaram as negativas, originando um s.r.e. de +7 p.p., sendo esta apenas a quarta vez em que tal acontece na última década. As respostas das empresas de muito grande dimensão são as mais favoráveis (s.r.e. +25 p.p.).

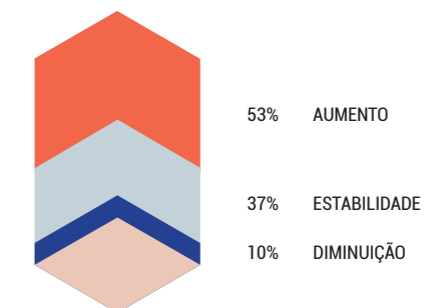
Ultrapassados que parecem estar os momentos mais críticos da pandemia de COVID-19, a indústria portuguesa de calçado atravessa um momento muito favorável. No primeiro trimestre de 2022, a produção e as encomendas continuaram a registar forte crescimento, refletindo-se positivamente na evolução do emprego na indústria. A apreciação global que as empresas fazem do estado dos negócios é agora a mais favorável da última década. As suas preocupações estão centradas no abastecimento de fatores de produção, em especial no preço e disponibilidade de matérias-primas e na escassez de mão-de-obra, para responder à forte procura.

As perspetivas das empresas inquiridas para o segundo trimestre de 2022 não foram ainda contaminadas pelos riscos de abrandamento económico que a guerra na Ucrânia exponenciou, continuando as empresas inquiridas a acreditar em novos aumentos da produção e das encomendas. Em contrapartida, o setor não escapa já às tendências inflacionistas que se têm vindo a manifestar, com grande parte das empresas a acreditar que os preços do calçado vão aumentar, tanto no mercado nacional, como nos mercados externos.

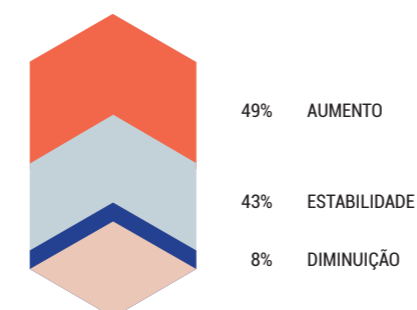
# carteira de encomendas

O comportamento da evolução da carteira global de encomendas foi muito semelhante ao da produção: mais de metade dos inquiridos afirmam que a carteira cresceu (53%). O saldo de respostas extremas regista um aumento muito significativo face ao trimestre anterior (de +17 p.p. para +43 p.p.), tendo superado largamente a previsão então formulada (+23 p.p.). Todos os escalões de dimensão e vocação exportadora apresentaram saldos positivos, com destaque para as empresas com mais de 250 trabalhadores.

CARTEIRA DE ENCOMENDAS



CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

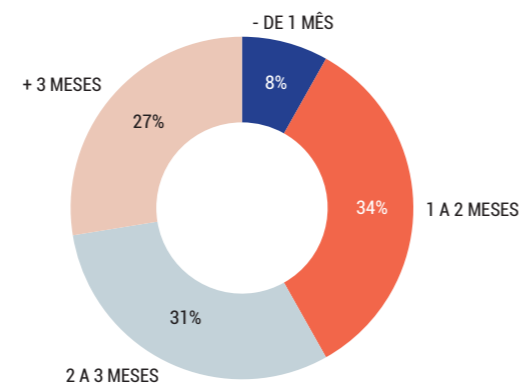


No que respeita à carteira de encomendas vindas do estrangeiro a situação é, também, muito positiva. Quase metade das empresas referem um aumento da carteira (49%) e apenas 8% indicam uma diminuição (s.r.e. +41 p.p.). Este é o saldo mais favorável de que há registo desde o início da publicação deste Boletim.

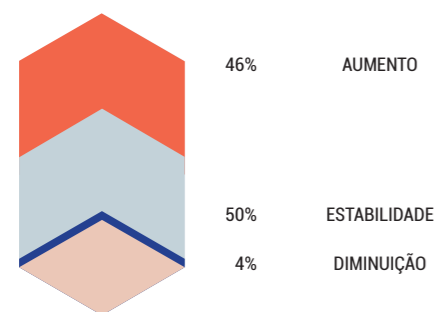
# horizonte

A evolução favorável da carteira de encomendas refletiu-se num alongamento do período de produção assegurado. Mais de um quarto das empresas inquiridas (27%) afirmaram ter encomendas para mais de três meses de produção. Em contrapartida, a percentagem de empresas que dizem ter menos de um mês de produção garantida reduziu-se para 8%, o nível mais baixo dos últimos quatro anos. Globalmente, a situação nesta matéria é a mais favorável desde o início de 2018. As empresas com mais de 250 trabalhadores e as totalmente vocacionadas para a exportação são as mais otimistas.

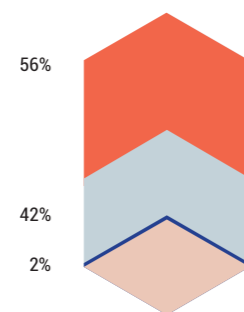
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS



PREÇOS EM PORTUGAL



PREÇOS NO ESTRANGEIRO



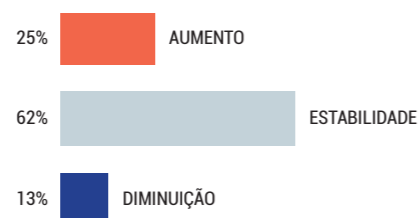
# preços

As tensões inflacionistas que se vão sentindo no conjunto da economia repercutem-se também na indústria de calçado. Embora metade das empresas afirmem que os preços, em Portugal, permaneceram estáveis, o saldo entre as que dizem que aumentaram e diminuíram foi de 42%, o mais elevado desde que se publica este Boletim. Quanto aos preços no estrangeiro, verifica-se a mesma tendência de evolução, com as empresas que indicam uma subida dos preços a serem, mesmo, maioritárias (56%) e quase não existindo indicações de descida de preços (2%).

# pessoas ao serviço

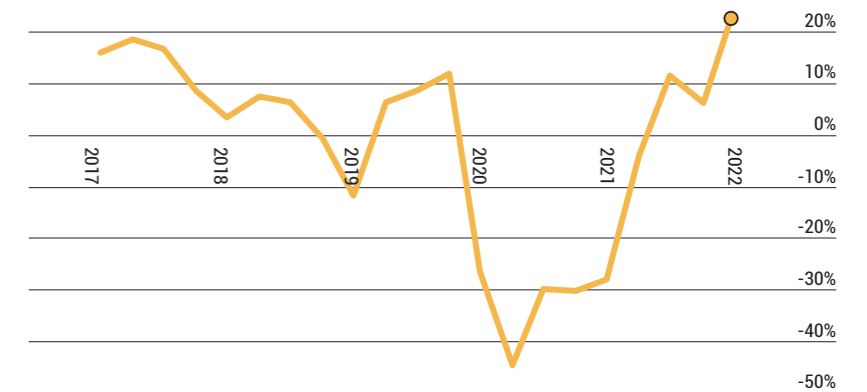
A evolução positiva da produção tem reflexos positivos no mercado de trabalho. Embora a maioria das empresas afirmem que o número de pessoas ao seu serviço permaneceu estável (62%), as que dizem que o aumentaram superam em 12 p.p. as que dizem que o reduziram. Depois de ter apresentado continuamente valores negativos entre 2018 e o início de 2021, este foi o quarto trimestre consecutivo em que este saldo foi positivo. O desempenho em termos de emprego está positivamente relacionado com a orientação exportadora das empresas.

EMPREGO



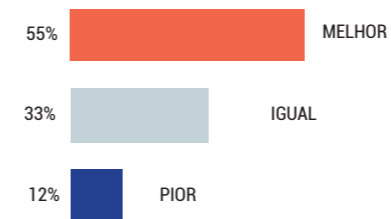
# estado dos negócios

A avaliação global do estado dos negócios continuou a melhorar e ultrapassou as expectativas formuladas no trimestre passado. Uma em cada três empresas considera que o estado dos negócios no primeiro trimestre do ano foi bom e a percentagem das que consideram que foi mau foi de, apenas, 9%, gerando um s.r.e. positivo de 24 p.p., o mais elevado da última década.



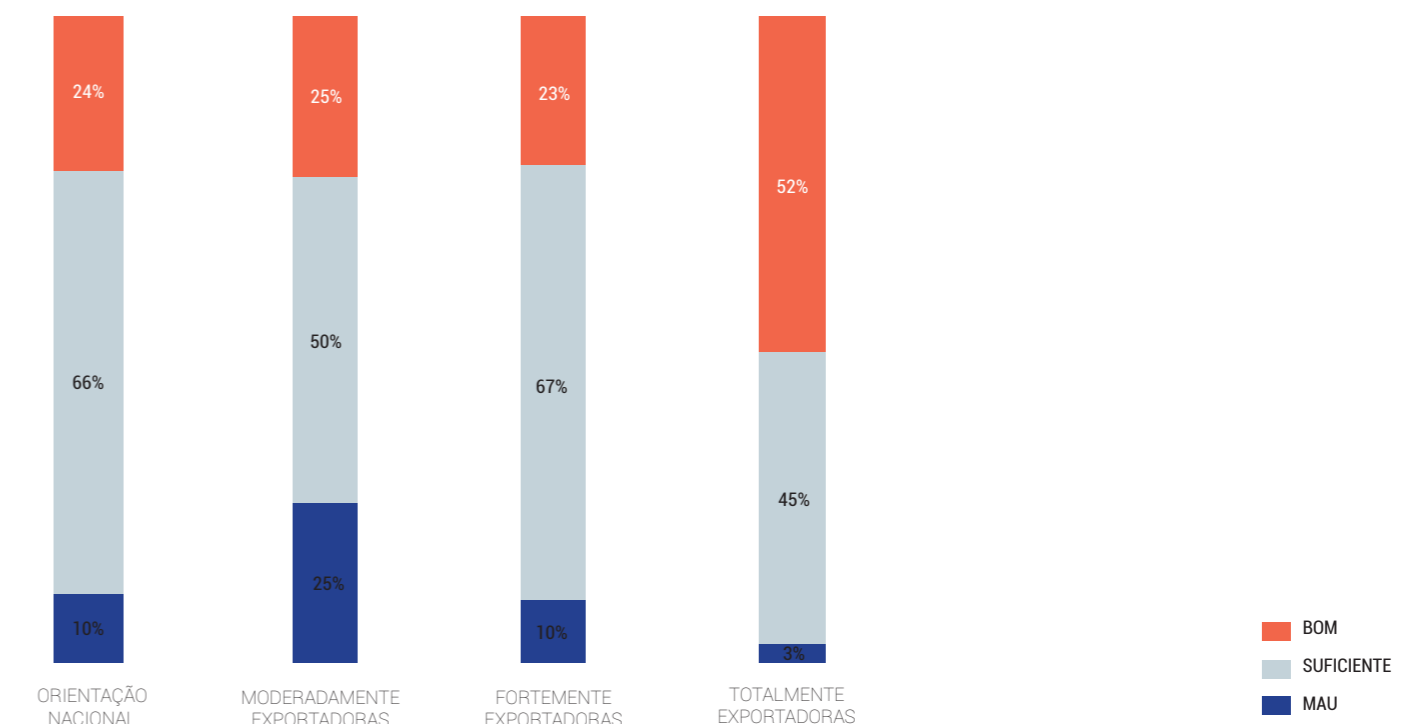
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO



Quando se pede às empresas para estabelecer uma comparação entre o estado dos negócios atual e a situação vivida no trimestre homólogo do ano passado, torna-se inequívoco que há uma clara melhoria da conjuntura: a maioria das empresas (55%) considera que o estado dos negócios está melhor e apenas 12% têm opinião contrária. O saldo de respostas extremas daí resultante é de +43 p.p., o mais alto desde que se iniciou esta publicação.

A avaliação positiva que as empresas fazem da melhoria do estado dos negócios cresce de acordo com a sua vocação exportadora: as empresas orientadas exclusivamente para o mercado nacional apresentam um s.r.e. positivo, mas que não atinge os 10 pontos percentuais, enquanto que, para as empresas moderadamente, fortemente e totalmente exportadoras, o saldo de respostas extremas é igual ou superior a 50 p.p.

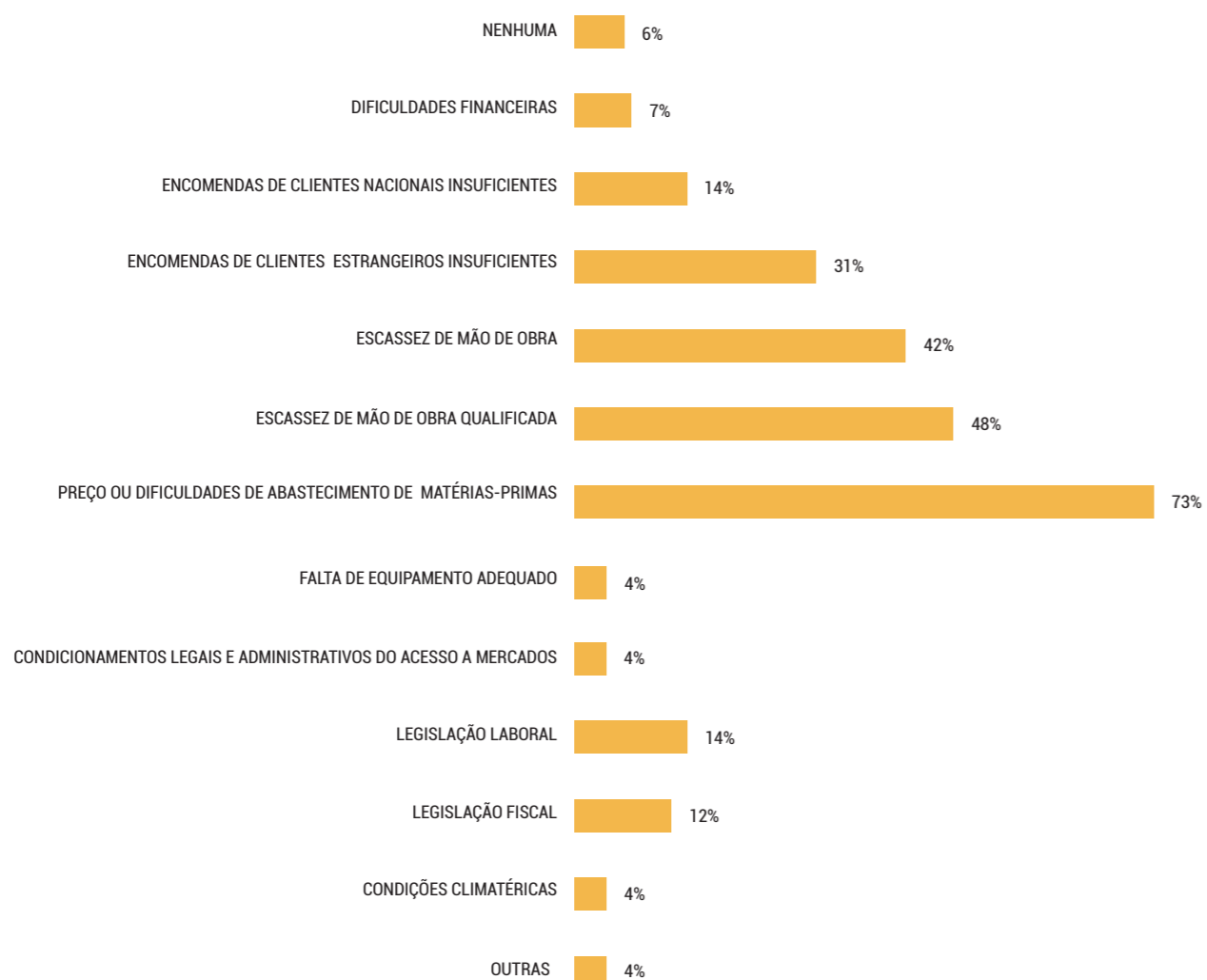


# limitações à produção e vendas

As respostas das empresas quanto às limitações à produção e vendas que enfrentam continuam a ser consistentes com uma acentuada melhoria da conjuntura, sentida desde o segundo trimestre de 2021.

A liderar as preocupações empresarias pelo terceiro trimestre consecutivo surgem as dificuldades com o preço e abastecimento de matérias-primas referidas por 73% das empresas, o nível mais elevado de sempre. Esta dificuldade é transversal à indústria, sendo referida pela maioria das empresas de todos os escalões de dimensão e orientação de mercado. As matérias-primas não são, no entanto, o único fator de produção a preocupar as empresas: quase metade das empresas (48%) afirmam debater-se com limitações decorrentes da escassez de mão-de-obra qualificada e 42% mencionam a escassez de mão-de-obra, em geral. Este problema é mais comum entre as empresas de maior dimensão e mais orientadas para os mercados externos. Embora muito menos frequentes, houve mesmo 4% de empresas a queixarem-se da falta de equipamento adequado, percentagem que, apesar

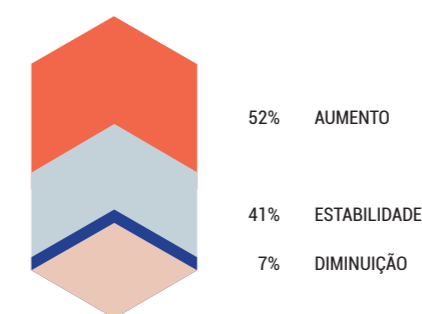
de baixa, é a mais elevada desde o início do século. Pelo contrário, continuam em queda as referências a dificuldades de mercado. Menos de um terço das empresas (31%) afirmou ter escassez de encomendas do estrangeiro e apenas 14% se referiram a escassez de encomendas de clientes nacionais. Apesar da escassez de mão-de-obra, a percentagem de empresas que considera a legislação laboral uma das suas principais dificuldades aumentou para 14%, percentagem ligeiramente superior à das que se referem à legislação fiscal (12%). Os restantes fatores sobre que são inquiridas são mencionados por menos de 10% das empresas. Em particular, as dificuldades financeiras são referidas por apenas 7% das empresas. Apesar da evidente melhoria da conjuntura, os problemas com as matérias-primas e mão-de-obra levam a que percentagem de empresas que dizem não ter nenhuma dificuldade tenha descido para 6%.



# tendência da produção

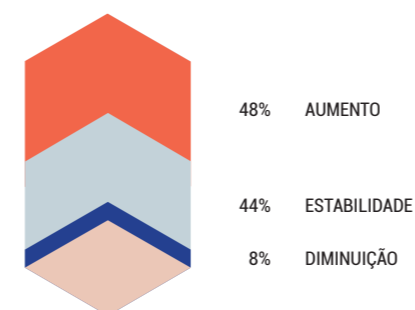
Apesar do excelente desempenho recente, as empresas permanecem otimistas: mais de metade (52%) acreditam que o seu nível de produção voltará a aumentar no próximo trimestre. O saldo de respostas extremas de 45 p.p. é o mais elevado de que há registo. Esta antevisão, muito animadora, é transversal a todas as empresas, sendo praticamente independente da orientação de mercado.

PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

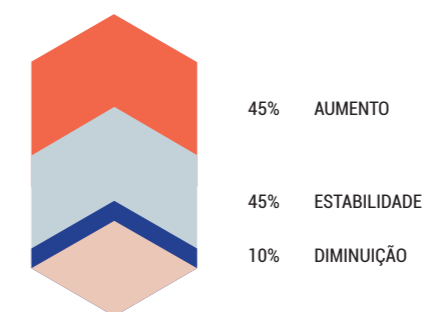


# perspetivas de encomendas

As perspetivas para as encomendas são, também, de forte aumento, tanto para a carteira global (s.r.e. +40%), como para a carteira de encomendas do estrangeiro (s.r.e. +35%), encontrando-se entre as mais positivas de sempre. Embora o otimismo seja comum a todos os tipos de empresas, é mais acentuado nas mais orientadas para os mercados externos. De referir ainda que nenhuma das empresas de maior dimensão perspetiva uma diminuição das encomendas.



PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS

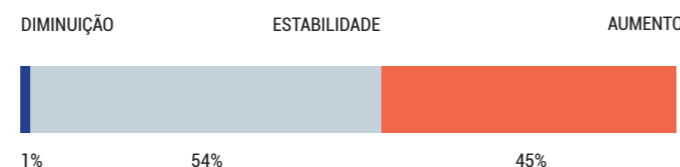


PREVISÃO DA CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

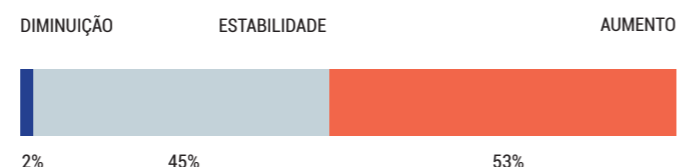
# perspetivas de preço de venda

Embora a maioria das empresas (54%) acredite ainda que, no próximo trimestre, os preços do calçado em Portugal irão permanecer estáveis, no que respeita aos mercados externos a previsão mais frequente (53%) é de aumento. A percentagem de empresas que refere uma diminuição é, nos dois casos, muito pouco significativa, resultando em saldos de respostas extremas muito elevados: + 44 p.p. para o mercado nacional e + 51 p.p. nos mercados externos (mais 10 e 5 pontos percentuais do que no final do ano passado).

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL



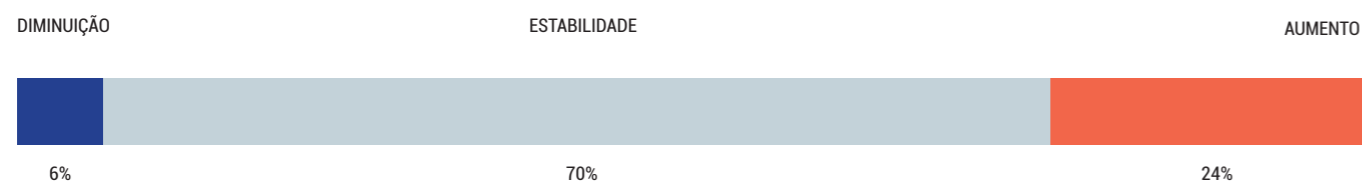
PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



# perspetivas sobre o emprego

A previsão de que o nível de emprego não se alterará obtém o maior número de respostas das empresas inquiridas (70%). O aumento da produção leva a que a percentagem das que acreditam numa melhoria do emprego seja claramente superior à das que preveem uma diminuição, gerando um s.r.e. de +18 p.p. Neste domínio as empresas com mais de 250 trabalhadores são as que se mostram mais otimistas.

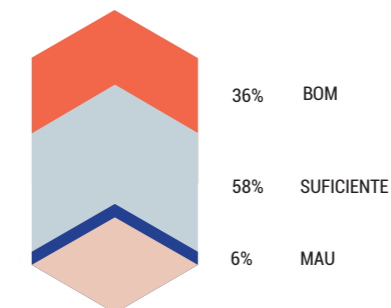
PREVISÃO DE EMPREGO



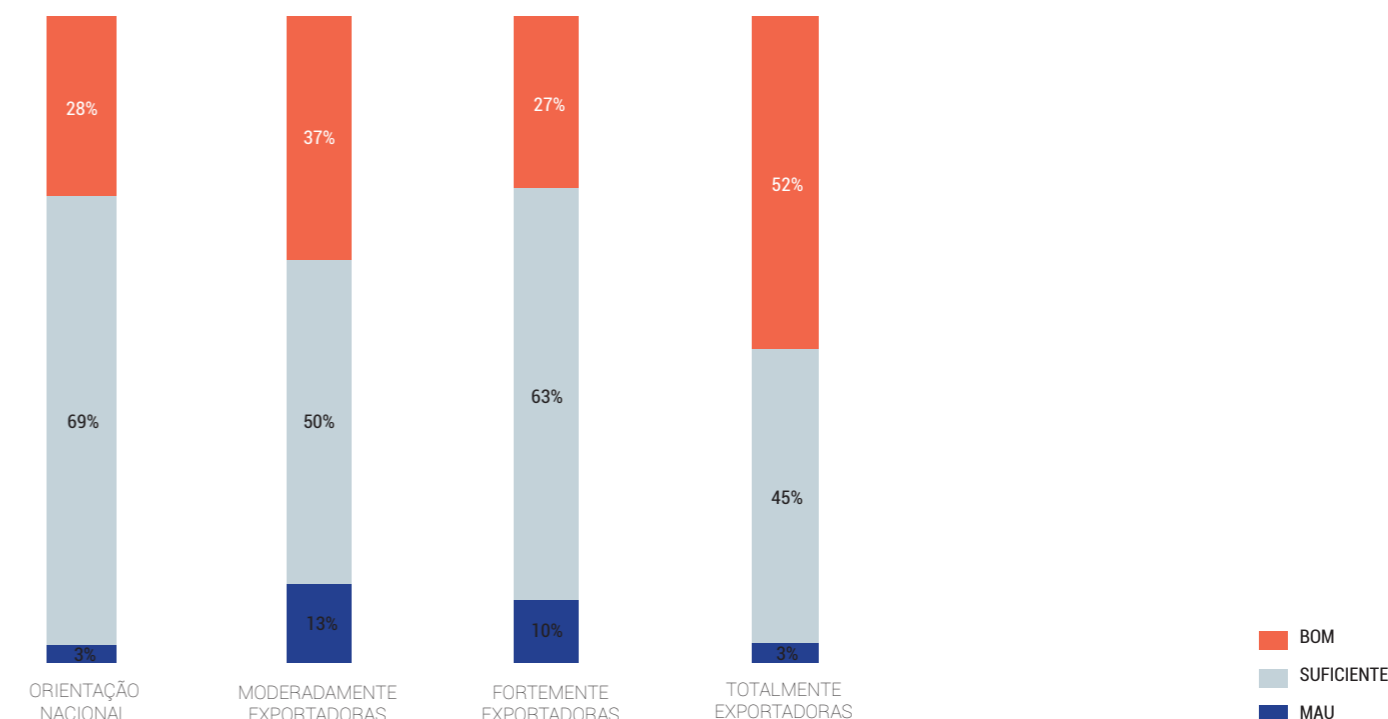
# perspetivas sobre o estado dos negócios

A maioria das empresas (58%) acreditam que o estado dos negócios no segundo trimestre será suficiente e mais de um terço (36%) dizem que será bom, gerando um s.r.e. de 30 p.p., o saldo mais elevado de que há registo. Este saldo é ainda mais elevado quando se pede uma comparação com o trimestre homólogo do ano anterior: as empresas que acreditam que o segundo trimestre de 2022 será melhor do que o de 2021 excedem em 44 pontos percentuais as que pensam que será pior.

PREVISÃO DO ESTADO DOS NEGÓCIOS



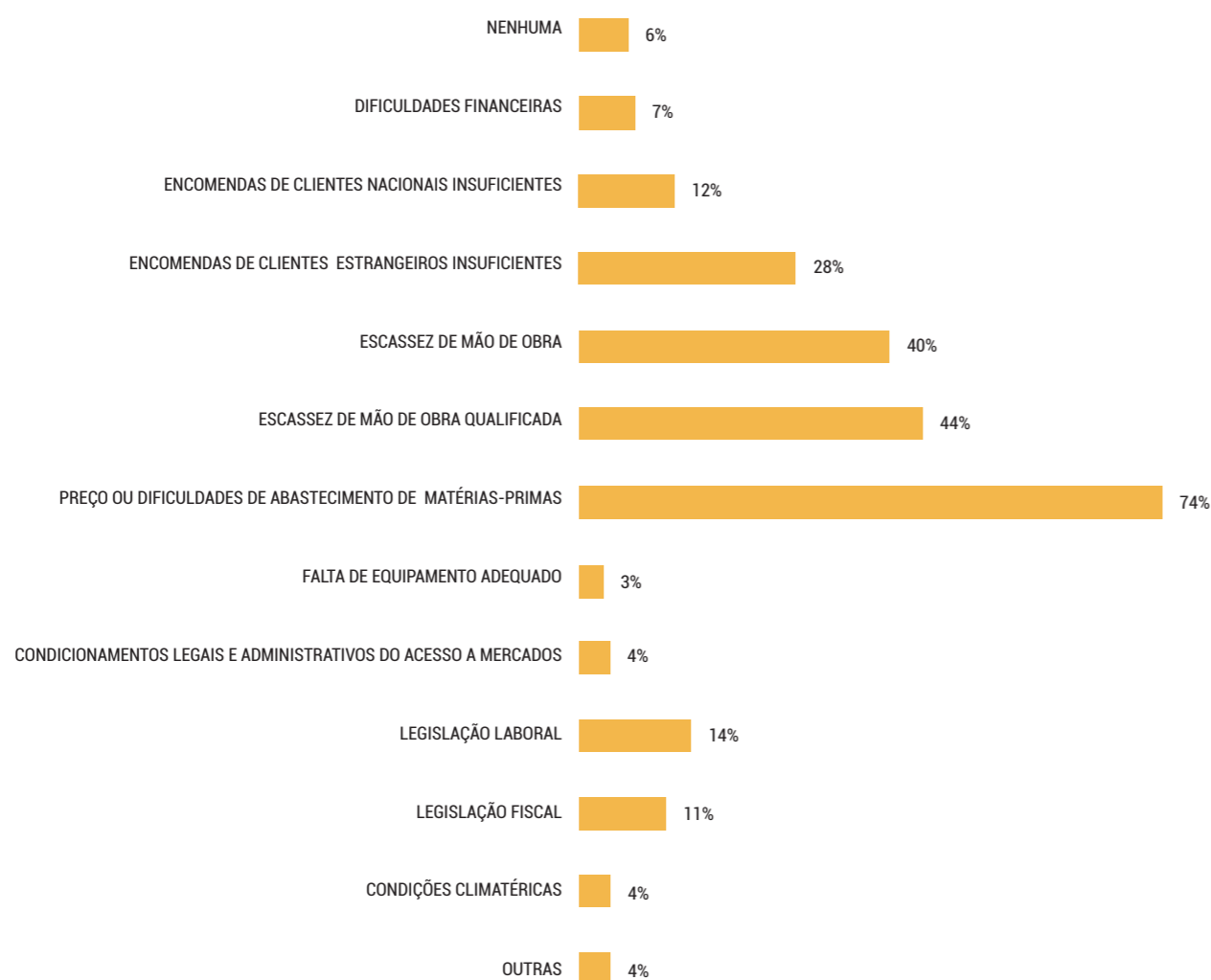
Embora todos os tipos de empresas apresentem um s.r.e. positivo, as empresas que exportam 95% ou mais dos seus produtos e as de maior dimensão (mais de 250 trabalhadores) estão mais confiantes do que as restantes quanto à previsão para o estado dos negócios (s.r.e. + 75 p.p., para as primeiras e +49 p.p., para as segundas). As empresas moderadamente exportadoras são as que fazem uma melhor previsão para o estado dos negócios no segundo trimestre de 2022 face ao verificado no período homólogo do ano anterior (s.r.e. +75 p.p.).



# limitações previstas

As limitações previstas para o próximo trimestre são essencialmente as mesmas que foram reportadas nos primeiros três meses do ano. Espera-se, contudo, um ligeiro desagravamento de algumas limitações tais como a insuficiência de encomendas de clientes nacionais e estrangeiros (de 14% para 12% e de 31% para 28%) e a escassez de mão-de-obra, sobretudo a qualificada (que cai de 48% para 44%).

Perspetiva-se um ligeiro aumento de dificuldades relacionadas com o preço ou o abastecimento de matérias-primas, face ao 1º trimestre. Esta limitação volta a ocupar, por muito larga margem, o primeiro lugar no rol de preocupações das empresas, principalmente das pequenas e médias, da indústria do calçado. Os restantes obstáculos mantêm a mesma importância relativa do trimestre anterior.



# notas de conjuntura

No início do maio, o Banco de Portugal publicou a sua análise da situação da economia portuguesa em 2021. Diz o Banco:

“Em 2021, a atividade económica portuguesa cresceu 4,9%, situando-se ainda abaixo do nível anterior à pandemia. O crescimento registado na área do euro foi próximo, 5,3% (...). O impacto mais significativo da pandemia na economia portuguesa reflete o maior peso das exportações de turismo. A composição setorial da atividade continua a apresentar diferenças face ao período pré-pandemia: o valor acrescentado bruto (VAB) permanece inferior no comércio, alojamento e restauração e nos outros serviços que envolvem elevado contacto pessoal (culturais, desportivos), mas situa-se consideravelmente acima nos serviços de comunicação e informação e na construção.”

Banco de Portugal, Boletim Económico, maio 2022

De acordo com o Eurostat, no primeiro trimestre de 2022, no conjunto dos 27 países da UE, os preços da indústria de calçado aumentaram 1,6%, por comparação com o trimestre anterior, e 3% por comparação com o primeiro trimestre de 2021. Os preços aumentaram mais em Itália (4,1% face ao período homólogo do ano anterior) do que em Espanha (1,9%). Estes aumentos são de ordem de grandeza semelhante aos verificados para os bens de consumo, em geral, mas bastante inferiores aos registados no conjunto da indústria.

A melhoria da conjuntura da indústria portuguesa de calçado retratada nas páginas anteriores parece ter excedido a que se verificou nos seus principais concorrentes europeus. De acordo com a informação disponível até ao momento no Eurostat, no primeiro trimestre, a produção da indústria do calçado deverá ter aumentado apenas 3% em Itália e terá caído 4,3% em Espanha.

A melhoria da conjuntura da indústria de calçado enquadrou-se na evolução positiva que a economia portuguesa registou no primeiro trimestre do ano. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, nesse período, o Produto Interno Bruto aumentou 2,6% quando comparado com o trimestre anterior e 11,9% face ao trimestre homólogo do ano anterior. Este crescimento foi justificado predominantemente pelo aumento da procura interna.

O Fundo Monetário Internacional publicou em abril a edição mais recente do seu World Economic Outlook. Afirmo o FMI:

“As perspetivas económicas globais pioraram significativamente desde a previsão do nosso anterior Outlook de janeiro. (...) Desde então, as perspetivas deterioraram-se, em grande medida devido à invasão da Ucrânia pela Rússia – causando uma trágica crise humanitária na Europa de Leste – e às sanções destinadas a pressionar a Rússia para cessar as hostilidades. Esta crise desenvolve-se quando a economia global estava numa trajetória de recuperação, mas ainda não tinha recuperado inteiramente da pandemia de COVID-19 (...)

Para além da guerra, os frequentes e mais alargados confinamentos na China – incluindo em polos industriais chave – também abrandaram a atividade nesse país e podem causar novos estrangulamentos nas cadeias globais de abastecimento. Pressões nos preços mais fortes, mais amplas e

mais persistentes levaram também a uma contração da política monetária em muitos países. Em termos globais, os riscos para as perspetivas económicas aumentaram abruptamente e as escolhas políticas tornaram-se ainda mais desafiantes. (...) Para além dos impactos humanitários imediatos, a guerra vai travar severamente a recuperação global, abrandando o crescimento e aumentando ainda mais a inflação. Este relatório projeta um crescimento global de 3,6% em 2022 e 2023 – 0,8 e 0,2 pontos percentuais inferior às previsões de janeiro, respetivamente. (...)

Em muitos países, a inflação tornou-se uma preocupação central. Em algumas economias avançadas, incluindo os Estados Unidos e alguns países europeus, atingiu o seu nível mais elevado em mais de 40 anos (...).”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, abril 2022\*

Entre os principais mercados do calçado português, o FMI prevê que o maior crescimento económico se registre em Espanha, cujo PIB deverá aumentar 4,8% em 2022. Alemanha, França e Holanda deverão ter crescimentos entre 2% e 3% e o Reino Unido deverá atingir 3,7%. Para os EUA, o FMI prevê também um crescimento de 3,7%. A economia portuguesa deverá crescer 4%.

# **APICCAPS**

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,  
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucadêneos

